

SENTADA NO UMBRAL

ENCARNACIÓN POCH RIVERA

SENTADA NO UMBRAL

ENCARNACIÓN POCH RIVERA

170500



Tradução:
Rui Marques.

COLECCÃO
ALMARIO

Títulos publicados:

*AS HERANÇAS (Conto sem moral)

José Ignacio Rodríguez Hermostell

*CONTO DA ÁRVORE ORGULHOSA

Francisco Joaquín Pérez González

*PEDRAMADOR

José Miguel Durán Méndez

Ao Lorenzo, Clara, Maria e Estela.

Hoje é segunda-feira

Sentada
no umbral do céu
-de um minuto-
penteio meus pensamentos,
e sonho
com a noite.
Meus olhos e tuas mãos
confundem-se
neste despertar eterno.
Da nossa casa
-sem nascer-
ascende um cometa.

Sonho

Ter uma açoteia
no céu
é o que quero.
Que a minha janela mais alta
olhe até ao céu.

28 de Dezembro de 1990

A tarde estava segada
de sombras.
Só uma pequena luz de "azeite"
alumia a escuridão do momento.
Os ruídos acompanham-me
[o caminho.
Uma criança chora longe.
No meu canto há uma rosa
e às vezes não a vejo.

À Evangelina

Como se um limoeiro
de folhas verdes
florescesse na tua alma,
cheira o teu corpo.
Como uma terra virgem
sem explorar,
branca como a flor dos citrinos,
assim é o teu corpo.
Com doçura de século
acumulada,
com amor dentro,
com vento de esperança,
assim, assim é o teu corpo.

Ausência

Não me beijes,
só necessito o apoio do teu ombro.
Quanta tristeza se acumula nos meus espaços.
Os braços fazem-se eternamente largos,
distantes, mas presentes.
Quantos caminhos fiz em redor de tua casa,
antes que a tempestade me rompesse o vidro.
Doi dentro a sensação do teu oco vazio.

Galos

28 de Dezembro de 1990

Molharam-se os gallos esta tarde
na sua capoeira de esteira.
Quietos no seu espaço,
cantam canções de sempre.
Olham o céu rosa da tarde.
Tem frio de tela.
Sai, galo amigo, do tempo,
sai do teu canto.
Aqui te espero.
Juntos iremos a apanhar estrelas
nos trigos do campo.

O voo do vento
na minha janela
à beira da minha alma.
Despertar.
Canção distante
que entra pela luz da tarde.
Lar, fogo, lume,
palavras atadas com fio
[de seda.
Amor florescendo,
desassossego interno,
solidão esperançada.
E no cimo os altos montes,
as intrincadas colinas.
E em baixo a planície,
o chão, a liberdade à
[distância.

Instante

Vivo-me.
Sinto-me
neste pedacito do quarto.
Saborei-o o silêncio,
os ruídos,
a vida que passa.
E o que vejo
o pressinto aqui dentro.

Verão de 84

A tarde está nebulosa,
corre um vento que limpa.
Clara pinta bonecos
com a alma de estrelas.
Fora
um pássaro voa
entre o céu e a terra.
Às vezes
em solidão... em dúvida.
Às vezes
as estrelas
emprestam-me o seu vestido
de seda,
de seda... de luz...
as estrelas.

Encontrar-me

Encontrar-me comigo
na solidão despida da tarde.
Encontrar-me doce carícia
[de vento,
casita “eluminada”, branca.
Encontra-rme com a luz,
com o vento,
neste desejo infinito de voo
e a alma presa no solo.
Encontrar-me entre rosas e
[rosais,
entre chuva,
entre amigos
encontrar-me.

“Corredores”

Brincam os meninos na fonte,
e uma amarga sensação de nada
enche-me ternamente.
Quase sem empurrar-me,
mas sentindo-me movimentada.
Quase sem roçar-me,
mas oprimindo-me a alma
encaminha-me
a esse sitio sem espaço,
onde me encontro.

Setembro

Para viajar,
Setembro.
Para comer maçãs,
Setembro.
Para amar,
Setembro.
Para partir,
Setembro.

Seis de Setembro

Chuva de fogo
e foguetes.
Chuva
de amor e de espera.
Tardezitas
de sol bom
brincando pelas veredas,
pelas ruas, pelas praças.
Tardes cheias de Setembro,
tardes de amor e de espera.

Amigo

Em alguns momentos
entre os teus olhos e os meus
estendiam-se laços invisíveis,
escadas de luz
desde a terra ao céu,
desde o mar à areia.
Escadas de cristal,
de fumo,
de palavras.
Fios,
caminhos entrecortados...
de esperanças,
de medos,
de desejos.

Espera

Areia,
onde o mar se faz terra
e sente saudade do sal
[que compartilhem].
Uma, outra vez... mil.
Com a esperança de viajar
ao fundo do amigo,
estás.
Margem perpétua
de passo,
de fogo,
de amor.
A luz te dá brilho um momento
e desaparece.
Tu não esperas um novo raio,
[roça,
um novo contacto.

Mar

Imenso, assustante.
Quero fechar os olhos, não ver-te,
je escuto-te!
Sem palavras, sem promessas,
[sem estar, sem nada!
E caminhar sobre ti
amigo, descobridor, brincalhão.
Não me olhes com olhos de água,
não sei compreender-te.
Azul, eternamente azul,
fixo, sereno, penetrante.
Não, não me fales com rumor de olas.
Sei que estás só,
lamento-o aqui,
no espaço oco que fica
quando nos "tocamos".

Quietude

Sei que se puede voar
por cima do escuro
do silêncio
da morte
Sei que tudo está quieto ali
onde desejo e realidade
são uma mesma coisa.

Companheiro

Ao despertar
sinto-te nesse minuto
de voltar.

Noto teu hálito cerca,
noto teu corpo abandonado,
dormido no vento,
enquanto tua alma voa,
voa livre,
sem medo.
Passeamos andando
[pelas núvens.
As ideias fluem...

**Deixa-me livre as asas
e o coração deixa-me livre.**

Neruda

Deixa-me voar en liberdade
porque não quero ser o que
[não sou.
Não quero acomodar-me
nem ajustar-me.
Quero voar por cima das coisas
ou cair no fundo da vida.
Quero sentir a luz,
quero recrear-me como gota de
[d'ima
sobre o cristal.

Xavier

Já não escreves,
já teus olhos não sabem
penetrar a luz ou o escuro
e voar pelo céu.
Já a terra se faz
pesada, densa nas tardes.
Apanha
tu chapéu de chuva,
teus olhos de mar,
tuas pernas de ar
e penteia, amigo,
horizontes de espuma.

**Dá-lhe à aspa moinho,
até nevar o trigo.**

M. Hernández

Ao moinho e à água
os mexe o ar.
À flor e ao alecrim
os mexe o ar.
A montanha perde-se
por contemplar-te
e olharte na água
do rio,
tão grande.
Chove a tarde trigo,
Chove a tarde.

Não sei

Não sei como dizer-te
que a lua me beijou uma noite
[para sempre.
Que quisera dar-te
todo o pouco que me fica dentro.
Que senti um momento
escapar a alma.
Que às vezes a luz me assusta
e outras sim não a vejo
não posso viver.
Que a solidão fez um ninho
[na minha alma.
Que nalguns momentos
se me foi a esperança.

**¿Quando aceitarás, égua,
o rigor da rédea?**

Miguel Hernández

Cavalinho de prata
para que montes.
Que cavalgues
montanhas, rios e montes.
Que não te percas, menino,
que não te percas.
Que não te percas, menino,
de trás da serra.

Sossego

Hoje o ar é frio,
faz ar frio.
O sol está no alto
Desenhando sombras e claridades,
Mimando a terra com mil cores.
Hoje tudo está em paz,
tranquilo, sossegado...
O céu mais azul que o costume
ensaia formas novas na minha
[alma.

A solidão está quieta num canto
adormecida.
Hoje, neste instante,
a luz beija minh alma.

Pai

Pão, palavras,
desejos atados com cintas,
cores de trigo.
Campo-areia-céu-cristal.
Transparência desde o amanhecer,
vida,
noite feita luz desde ontem.
Forte vento insistente,
seguro.
Mãos na minha alma
com cuidado de séculos,
esperança.

Chuva

Na minha janela vai passando
[a tarde luminosa
e escura.
Chora que chora o céu...
A solidão termina
onde termina o telhado da
[minha casa.
Um pássaro voando assusta-me,
ausente de mim, voa.
Está-se calando a roupa do
[teu menino.

Tu ternura.
Está-se pondo reluzente o céu.
Sem profundidade, sem luzes
[especiais,
sem companhia
chora que chora o céu.
A tarde ir-se-à quando menos o
[esperes,
e o céu seguirá chorando.

**O coração é porta
que se abre e se fecha.**

M. Hernández

O coração é casa
com mil janelas,
veste muitas cores
do branco ao escarlata.
Dá-lho tu sempre inteiro
embora fique preso
de algum luzeiro.

Maio 1985

Novembro 1979

Não quero recordar-te, papá,
na tristeza. ... que te levantam con pás e picaretas?
Senão ali onde enchias
-enches- de alegria meus olhos. Que fizeste praça amiga?
Aqui onde permaneces,
neste vazio da minha alma, Onde levan tuas pedras
branco, azul-celeste, percorridas por mil espaços
cheio de ternura. Estão-te tirando tudo!
Dás-te conta?
Quero recordar-te, quero ... Tudo.
[amar-te Para porte uma capa
na solidão do campo, de "luz" impermeável.
das rosas. Para que não sintas
Juntar todos os entardeceres a cor do céu,
[vividoss para que a tua solidão
num grande ramalhete. seja mais parecida à nossa,
Quero desfolhar as manhãs, ... mais quadrada, mais dura,
as esperas mais só.
e esse estar sempre presente Sem erva, sem terra,
no meu espaço-vida. sem baixos nem altos,
Quero deixar vagar a minha alma tudo uniforme, tudo cimento,
na tua procura, como os vestidos das nossas
embrulhar as recordações com fitas [almas.
[de cores
de margaridas, mangericos e cravos.
Penso-te e vivo-te
trabalhando na terra,
na "mãe", esperança de tudo.
Chamo-te a meia voz
para não romper o meu sonho:
"Papá, papázinho. Pai".

Setembro 1994

Minha recordação é celeste-branco,
com serenidade de pombas al

[atardecer.

Quase um verão, quase um Outono,
depois da recolhida partiste,
em Setembro.

No mês em que a luz
se torna um pouco mais amiga
e o esforço por separar-nos

[do calor

não é tão vivo.

Interior

Buscando o centro neste

[realismo eterno,

Buscando o centro das palavras,
dos factos, do interno.

O que aparece está acomodado

[nas formas.

No interior há janelas à luz

e há escuridão sem janelas.

No interior nascem e morrem

[mil palavras.

Mãe

Que não se enevoe o céu
e que não chova
porque se molhará a minha rosa.

Minha rosa recém nascida,
recém nova, recém estreada.

Mãe, esta tarde faz sol
e as núvens brancas,
colhidas à mão saem

[de passeio.

Na alma
sempre aparece a inquietude
da procura.

A verdade e a liberdade
escondem-se
em vielas empedradas.

Sentido

Buscando, buscando, buscando.

Com as mãos
tocando formas, amando,
fazendo ternura.

Com os olhos,
ali onde ha azul, branco, verde,
ali onde há claridade, esperança,
ali onde há cinzento.

Com os pes a pé
pela erva, pelo asfalto,
pelas ruas e as praças.
Com a alma tocando,
sentindo o amor, a doçura,
a amargura e o sofrimento.

Palavra

Palavras.
Esse ser y esse estar
da palavra.
A mágica transformação,
o encontro fazendose uno
com minh'alma.
A palavra
envolvendo as tardes,
levantando alto o voo
e caindo.
Luzindo nos discursos,
esvaziando o alento,
consolando no vazio do
[desânimo
e fazendose de uno em esperança
centos em luz.

Junho 1998

Já não sonho como antes,
não desço as montanhas
nem as subo.
Não penteio os luzeiros,
não vadeio os rios.
Passou já o tempo de
[sonhar?
Meus sonhos são tranquilos...
monótonos.

Junho 1998

Esta noite sinto-me triste,
tristemente triste.
Esta noite não chove.
A lua, senhorona do céu,
tudo enche de branco.
Esta noite não quero ver televisão,
nem ler un livro,
nem escutar Silvio.
Esta noite quero chorar na
[minha almofada,
no meu canto.
Quero enroscar-me,
quero amar-me,
quero estender um cometa de
[esperança.
Quero crer em mim.

**O coração é porta
que se abre e se fecha.
M. Hernández**

O coração é casa
com mil janelas,
veste muitas cores
do branco ao escarlate.
Dá-lho tu sempre inteiro
embora fique preso
de algum luzero.

COLECCÃO
ALMARIO
NÚMERO 4